

 Lendo a Bíblia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Rossi, Luiz Alexandre Solano

Lendo o livro de Daniel : soberania de Deus e esperança humana / Luiz Alexandre Solano Rossi.  
- São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Lendo a Bíblia)

ISBN 978-85-349-6120-2

1. Bíblia. A.T. Daniel - Crítica, interpretação I. Título II. Série

26-1081

CDD 224.506

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Bíblia. A.T. Daniel - Crítica, interpretação, etc

**Coleção LENDO A BÍBLIA**

---

- *Lendo o livro dos Salmos: a lei orante do povo de Deus*, Carlos Mesters; Francisco Orofino
- *Lendo o livro de Lamentações: solidariedade e ternura em meio à tragédia*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Lendo o livro de Ezequiel: esperança e imaginação profética*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Lendo o livro de Daniel: soberania de Deus e esperança humana*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Lendo o livro de Joel: profecia em defesa da vida*, Luiz Alexandre Solano Rossi; Natalino das Neves
- *Lendo o livro de Abdias: a solidariedade como estilo de vida*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Lendo o livro de Miqueias: profecia de julgamento e de promessa*, Shigeyuki Nakanose
- *Lendo o livro de Naum*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Lendo o livro de Sofonias*, Luiz Alexandre Solano Rossi; Erika Daiane Mauri
- *Lendo o Evangelho segundo Mateus: o caminho do discipulado do Reino*, Jaldemir Vitório
- *Lendo o Evangelho segundo João: para que todos tenham vida*, Pedro Lima Vasconcellos
- *Lendo as cartas aos Coríntios: unidade, diversidade e autoridade na comunidade cristã*, Jonas Machado; Sebastiana Nogueira
- *Lendo a carta aos Gálatas: em defesa da liberdade cristã*, Jonas Machado
- *Lendo a carta aos Efésios: a unidade do corpo de Cristo*, Aíla Luzia Pinheiro de Andrade
- *Lendo as cartas de João: quem ama permanece em Deus-Amor*, Pedro Lima Vasconcellos

Luiz Alexandre Solano Rossi

**Lendo**  
**O LIVRO DE DANIEL**  
*Soberania de Deus e esperança humana*



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

**Direção editorial**

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

**Assessoria bíblica**

Paulo Bazaglia

**Gerência editorial**

Elisa Zuigeber

**Revisão**

Tiago José Risi Leme, Lucas Giron,  
Luiz Henrique Ribeiro Lima

**Design**

Leonardo Cerretti

**Imagem da capa**

*Daniel na Cova dos Leões* (Briton Rivière, 1872)

**Impressão e acabamento**

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS  
acessando: [paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja),  
ou pelo QR Code.  
Televendas: (11) 3789-4000 /  
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091  
São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-6120-2

## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Características do livro de Daniel para sua melhor compreensão</b> .....	12
<b>Imperialismo e domínio babilônico</b> .....	16
<b>Imperialismo e domínio persa</b> .....	19
<b>Imperialismo grego e domínio dos ptolomeus e dos selêucidas</b> .....	24
<b>Capítulo 1</b>	
<b>Os jovens hebreus na corte de Nabucodonosor (Dn 1)</b> .....	33
1.1. A conquista de Jerusalém pela Babilônia (1,1-2) .....	33
1.2. A recusa dos alimentos na mesa do rei (1,3-16) .....	35
1.3. A sabedoria dos jovens hebreus (1,17-21) .....	40
<b>Capítulo 2</b>	
<b>O sonho de Nabucodonosor: a visão da estátua (Dn 2)</b> .....	43
2.1. O rei interroga seus adivinhos (2,1-13) .....	43
2.2. Intervenção de Daniel (2,14-25) .....	45
2.3. Daniel descreve o sonho do rei (2,26-35) .....	48
2.4. Interpretação do sonho (2,36-45) .....	51
2.5. Profissão de fé do rei (2,46-49) .....	53
<b>Capítulo 3</b>	
<b>A fornalha ardente (Dn 3)</b> .....	57
3.1. Nabucodonosor e a adoração da estátua de ouro (3,1-7) ...	57
3.2. Denúncia e condenação dos judeus (3,8-23) .....	58

3.3. Oração de Azarias na fornalha (3,24-50) .....	62
3.4. O cântico dos três jovens (3,51-90) .....	68
3.5. O rei reconhece o Deus Altíssimo (3,91-97) .....	72

## **Capítulo 4**

<b>O sonho e a loucura do rei (Dn 4)</b> .....	77
4.1. Nabucodonosor conta seu sonho (4,1-15) .....	77
4.2. Daniel interpreta o sonho (4,16-24) .....	80
4.3. Cumprimento do sonho (4,25-34) .....	83

## **Capítulo 5**

<b>O fim da Babilônia (Dn 5)</b> .....	87
5.1. O banquete de Baltazar (5,1-12) .....	87
5.2. Daniel interpreta as palavras escritas na parede (5,13-28) .....	89
5.3. Reação e morte do rei (5,29-6,1) .....	93

## **Capítulo 6**

<b>Daniel na cova dos leões (Dn 6)</b> .....	97
6.1. A inveja dos sátrapas (6,2-10) .....	97
6.2. Oração de Daniel (6,11-16) .....	99
6.3. Daniel na cova dos leões (6,17-25) .....	103
6.4. Profissão de fé do rei (6,26-29) .....	105

## **Capítulo 7**

<b>O sonho de Daniel: as quatro bestas (Dn 7)</b> .....	109
7.1. A visão dos quatro animais (7,1-8) .....	109
7.2. A visão do ancião e do ser humano (7,9-14) .....	112
7.3. Interpretação da visão (7,15-28) .....	114

## **Capítulo 8**

<b>O apocalipse do chifre blasfemo (Dn 8)</b> .....	119
8.1. Visão de Daniel sobre o carneiro e o bode (8,1-14) .....	119
8.2. O anjo Gabriel explica a visão (8,15-27) .....	122

## **Capítulo 9**

<b>O apocalipse das setenta semanas (Dn 9)</b> .....	127
9.1. Oração de Daniel (9,1-19) .....	127
9.2. A profecia é interpretada pelo anjo Gabriel (9,20-27) .....	129

<b>Capítulo 10</b>	
<b>A grande revelação cósmica (Dn 10)</b> .....	135
10.1. Visão do homem vestido de linho (10,1-8) .....	135
10.2. A aparição do anjo (10,9-11,1) .....	138
<b>Capítulo 11</b>	
<b>A revelação histórica (Dn 11)</b> .....	143
11.1. Primeiras guerras entre selêucidas e lágidas (11,2-20) .....	143
11.2. Antíoco IV Epífanes (11,21-39) .....	145
11.3. O fim do perseguidor (11,40-45) .....	149
<b>Capítulo 12</b>	
<b>A implantação do Reino de Deus (Dn 12)</b> .....	155
12.1. Tempo de salvação e ressurreição (12,1-4) .....	155
12.2. A palavra selada (12,5-13) .....	156
<b>Capítulo 13</b>	
<b>A história de Susana (Dn 13)</b> .....	159
13.1. Susana e a perversidade dos dois anciãos (13,1-14) .....	159
13.2. O drama da condenação de Susana (13,14-43) .....	161
13.3. A intervenção de Daniel e a salvação de Susana (13,44-64) .....	164
<b>Capítulo 14</b>	
<b>Bel e o dragão (Dn 14)</b> .....	169
14.1. Daniel e os sacerdotes de Bel (14,1-22) .....	169
14.2. Daniel mata o dragão (14,23-30) .....	172
14.3. Daniel na cova dos leões (14,31-42) .....	174
<b>Conclusão</b> .....	179
<b>Referências bibliográficas</b> .....	183



## INTRODUÇÃO

O autor do livro de Daniel apresenta uma nova forma de contar a história. Quando o livro foi escrito, o povo de Deus estava sob o domínio de um império que não permitia a circulação de mensagens que fossem contrárias ao seu projeto de dominação política, econômica e religiosa. Tratava-se de uma nova forma de ver, pensar e controlar o mundo que levou ao surgimento de um tipo de literatura que usava a linguagem apocalíptica, ou seja, um tipo de linguagem simbólica – sonhos e visões – que não era compreendida por aqueles que exerciam uma dominação violenta. A crítica ao imperialismo violento, portanto, não era explícita. Nesse sentido, sempre é importante recordar, na leitura de Daniel, que o livro não foi escrito para desvendar os mistérios do futuro. Temos, sim, uma linguagem que colocava os verbos no futuro para falar tanto do passado quanto do presente. Sua intenção fundamental era trazer a mensagem de Deus e sua eficácia para dentro da difícil situação que o povo estava vivendo. Portanto, não se tratava de uma mensagem que alienava do presente, negando-o. É por isso que o texto de Daniel nunca usa os verbos no presente, mas somente no passado ou no futuro. O gênero apocalíptico surgiu como literatura de resistência e, por isso, é possível refletir sobre a função social dos escritos apocalípticos. Afinal, resistir à dominação imperial exigia não somente afrontar os meios de coerção física, mas também impugnar os postulados do império.

A mensagem central do livro é a de que um dia o sofrimento acabará, pois a vitória de Deus sobre os impérios opressores é certa. É preciso ter paciência e ser fiel ao projeto de Deus. No entanto, não uma paciência passiva. Mas uma paciência que possibilita encontrar sentido e significado para a vida, mesmo quando a vida se apresenta na forma de um caos. Deus

não é apresentado no livro como se fosse um deus glacial, frio e distante. Ao contrário, ele não é indiferente à dor humana. Ele se insere na realidade caótica vivida pelo homem e pela mulher a fim de soberanamente dizer que a realidade do mal é temporária. Daniel, mesmo exilado, nunca abandonou sua fé. Ele continuou a servir a Deus, e Deus o sustentou e o usou para grandes propósitos, mesmo em terras estrangeiras e em circunstâncias difíceis. O livro de Daniel interpreta uma conjuntura de crise e quer despertar o leitor para essa situação e, assim, provocar uma saída para a situação de crise. O sofrimento obriga a gerar esperança!

A leitura que apresento consiste em uma abordagem teológica da história, centrada na interpretação dos apocalipses contidos no livro de Daniel, em oposição às leituras que compreendem o livro de Daniel como previsões cronológicas de eventos futuros. Esta análise propõe uma compreensão simbólica e espiritual da realidade vivida pelos judeus sob o domínio de potências estrangeiras. Os textos apocalípticos, portanto, não devem ser tomados como mapas proféticos, mas como expressões teológicas que emergem de contextos históricos marcados pela opressão e pela resistência. A linguagem apocalíptica, nesse sentido, se apresenta como um instrumento que deseja modificar a realidade.

Trata-se, portanto, de uma leitura que se distancia do fundamentalismo religioso que insiste em uma compreensão literal dos escritos apocalípticos, ignorando o caráter profundamente simbólico e político dessas narrativas. O propósito central desses textos não é oferecer previsões exatas sobre o fim dos tempos, mas sim fortalecer a identidade coletiva e renovar a esperança dos que vivem sob dominação e sofrimento. Os capítulos apocalípticos de Daniel funcionam, nesse sentido, como instrumentos espirituais, convocando os fiéis à perseverança na fé, à prática da justiça e à preservação das tradições religiosas como formas legítimas de resistência. E – por que não falar? – em teologia da resistência. Se o império queria o poder para ordenar o mundo (segundo a nova ordem imperial), a apocalíptica desejava subverter a nova ordem, a fim de recriá-la.

A linguagem empregada nas visões de Daniel é marcada por um simbolismo denso e sofisticado. Elementos como animais fantásticos, números enigmáticos e seres celestiais são utilizados para representar impérios opressores e momentos de crise histórica. Essa estética visionária não busca a obscuridade, mas a revelação, ou seja, por meio de imagens, os textos comunicam a profundidade dos conflitos vividos e a esperança de superação que os atravessa. No núcleo dessa narrativa, encontra-se a figura paradigmática de Daniel, apresentado como modelo de fidelidade, discernimento e coragem. Sua experiência visionária não apenas orienta o povo em tempos de adversidade, como também oferece consolo diante da incerteza e da dor. A trajetória de Daniel reafirma valores espirituais e éticos que transcendem o imediatismo das interpretações sensacionalistas, propondo uma leitura que privilegia o engajamento histórico e a resistência ética.

Proponho uma interpretação do livro de Daniel que rejeita abordagens escapistas que desvirtuam o sentido original dos apocalipses. Em vez de conceber o apocalipse como um fim absoluto, esta leitura o entende como um chamado à ação, à esperança e à fidelidade em meio às tribulações da história. Nesse contexto, o apocalipse se revela como resposta simbólica à crise, oferecendo uma teologia da resistência diante da perseguição. Frequentemente a literatura apocalíptica foi apresentada de forma estereotipada como desconectada da realidade. Todavia, no “terror de Estado” provocado por Antíoco IV Epífanês, é possível enxergar os textos apocalípticos como resposta ao terror a partir de visões radicais de esperança.

O livro de Daniel apresenta natureza híbrida, combinando dois gêneros distintos: as narrativas sapienciais dos capítulos 1 a 6 e as visões apocalípticas dos capítulos 7 a 12. Essa fusão literária reflete uma transição teológica entre o judaísmo tradicional e o pensamento apocalíptico emergente. As visões de Daniel, especialmente aquelas que se referem ao domínio de Antíoco IV Epífanês – chamado pelo povo de Antíoco Epímanês (louco) –, são interpretadas como respostas simbólicas à opressão, e não como previsões precisas do futuro. Além disso,

a noção de profecia *ex eventu* é central para essa abordagem. Muitas das profecias contidas no livro teriam sido redigidas após os eventos que descrevem, com o objetivo de legitimar a mensagem teológica. A profecia das “setenta semanas” (Daniel 9) é um exemplo emblemático dessa estratégia, ao reinterpretar a história recente como parte do plano divino.

E, não menos importante, o simbolismo político e teológico presente nas visões de Daniel – como animais, chifres e números – deve ser compreendido como representações de impérios e governantes históricos. Os símbolos não devem ser lidos literalmente, mas como construções teológicas que revelam a soberania de Deus sobre a história. Por trás do símbolo há um mundo real. Ele possui uma reserva de sentido que faz pensar e sempre diz mais do que diz. Na reserva que se encontra oculta há uma fonte à procura de ser desvelada. Por isso, os símbolos não podem ser completamente explicitados ou esgotados. Há sempre algo que precisa ser revelado, indicando, dessa forma, sua inesgotabilidade. Trata-se de uma linguagem da intuição, da poesia, dos sonhos e da experiência religiosa. É preciso, dessa forma, compreender o símbolo como um modo autônomo de conhecimento e que pertence à substância da vida espiritual. A linguagem da fé que se manifesta no símbolo possui uma legitimidade epistemológica, isto é, uma forma de conhecer o mundo, interpretá-lo e transformá-lo. Assim, o apocalipse se configura como uma linguagem de resistência, que articula esperança, fé e discernimento diante da adversidade.

## **Características do livro de Daniel para sua melhor compreensão**

1. O livro de Daniel pode ser dividido em duas partes muito diferentes, a saber: nos capítulos 1-6 encontramos narrações a respeito de Daniel e seus três amigos na corte de Nabucodonosor; e nos capítulos 7-12 encontramos as visões de Daniel nos reinados de Baltazar (da Babilônia), de Dario (da Média) e de Ciro (da Pérsia). Portanto, os capítulos 1 a 6 são narrativas palacianas, enquanto os capítulos 7 a 12 são apocalipses.

2. Encontram-se, também, no livro, duas formas diferentes de escrever: do capítulo 1 ao 6 as narrativas estão na terceira pessoa, ou seja, Daniel e seus amigos têm suas aventuras contadas por outra pessoa. Porém, nos capítulos 7-12, justamente os capítulos que se referem às visões, estas são contadas com o uso da primeira pessoa do singular. O próprio Daniel é quem conta as visões que teve.

3. Há uma característica que não pode ser percebida nas versões em português, mas que se encontra nos originais. O livro começa utilizando o hebraico (1,1-2,4a), mas a partir do capítulo 2,4b-7,28, o texto muda para o aramaico. Quando o leitor chega aos capítulos 8-12, ele depara com uma nova mudança, isto é, o texto volta ao hebraico. Isso além dos textos em grego, que se encontram em 3,24-90 e nos capítulos 13-14. A versão da Septuaginta (LXX) contém quatro passagens ausentes na Bíblia Hebraica, a saber: a oração de Azarias (3,24-59), o cântico dos três jovens (3,51-90), a narrativa de Susana e a história de Bel e o dragão (capítulos 13-14).

4. Os apocalipses são livros que procuram subverter a nova ordem proposta pelos mais diferentes impérios. Nesse sentido, é uma literatura própria daqueles que são dominados e procura despertar o senso crítico diante da realidade caótica bem como a esperança por dias melhores. As raízes desse gênero são encontradas em Joel 3-4; Zacarias 12-14; Isaías 24-27; 34-35; 65-66, Ezequiel etc.

5. O autor de um livro apocalíptico não tem por costume assinar sua obra. Nesse caso, o autor faz uso de um pseudônimo, geralmente usando o nome de uma personagem importante da história. Trata-se de um recurso que traz um duplo benefício: a) possibilita proteção, porque aquele que domina pensará que se trata de um livro antigo, e b) aumenta a importância do livro.

6. Daniel não é, portanto, o autor do livro! Trata-se, provavelmente, de um pseudônimo inspirado em *Danel*, que é citado no profeta Ezequiel 14,14.20, ao lado de Noé e de Jó. O significado do nome Daniel poderia ser “Deus é meu juiz”. Uma lembrança de que Deus em sua ação soberana julga todas as ações imperialistas que provocam sofrimento nos povos conquistados.

7. Uma análise sobre a formação do livro pode ser expressa da seguinte maneira: o autor final estava familiarizado com as narrativas presentes em Daniel 1-7 e realiza uma reedição dessas histórias, introduzindo alterações que dialogam diretamente com o contexto histórico de sua época. Em seguida, acrescenta os capítulos 8-12, nos quais descreve detalhadamente o cenário contemporâneo em que se encontra. Posteriormente, são inseridos os textos gregos (3,34-90; 13-14), complementando a obra com tradições antigas e características lendárias.

8. Na ordem dos livros do Antigo Testamento, conforme o cânon hebraico, o livro de Daniel se encontra localizado entre os Escritos e não entre os Profetas. Na Septuaginta, por sua vez, aparece no mesmo lugar das versões da Bíblia em português.

9. O tema da soberania de Deus, de ser fiel a Deus e ao seu projeto e de ser íntegro – Daniel e seus três amigos andam pelos corredores da fama e não perdem sua integridade (que parece ser uma virtude em extinção) – se destacam ao longo do livro. E – por que não afirmar? – o livro de Daniel vê o Reino de Deus em operação dentro dos processos históricos, tanto do passado quanto do presente.

10. O livro de Daniel faz menção a quatro personagens – Daniel, Sidrac, Misac e Abdênago. Todavia, eles são personagens literários/teológicos que representam a maneira como todo o povo de Deus deveria viver em momentos de crise existencial e histórica. O tempo deles é tempo de crise, de grandes incertezas. A resistência e resiliência deles será construída através da solidariedade mútua, da manutenção das tradições ancestrais e da atenção cuidadosa à vida comunitária.

11. É o único livro apocalíptico do Antigo Testamento. Nele encontramos o gênero literário apocalíptico, profético e sapiencial. O livro é composto de textos independentes que só posteriormente foram reunidos e compilados. Pode-se constatar, dessa forma, que as unidades separadas pertencem a grupos, lugares e conjunturas diferentes.

12. A influência dos temas apocalípticos de Daniel sobre a escatologia cristã pode ser observada em dois temas centrais, isto é, o Filho do homem e a ressurreição dos justos:

a) Em Daniel 7 surge a figura “semelhante a um filho de homem” que vem com as nuvens do céu e recebe domínio eterno do “Ancião de Dias” (Dn 7,13-14). Essa imagem representa um ser celestial que personifica o povo santo de Deus, mas também transcende essa coletividade, assumindo traços messiânicos e escatológicos. Nos Evangelhos, Jesus apropria-se deliberadamente desse título – “Filho do Homem” – para se referir a si mesmo, especialmente em contextos de juízo e glória futura (Mt 26,64; Mc 14,62). Essa autoidentificação não é acidental: ela conecta diretamente o ministério de Jesus à visão de Daniel, atribuindo-lhe autoridade divina e escatológica. O “Filho do Homem” torna-se, assim, uma figura que une humanidade e transcendência, antecipando o juízo final e o estabelecimento do Reino de Deus.

b) Daniel 12 introduz explicitamente a doutrina da ressurreição: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e o desprezo eterno” (Dn 12,2). Nesse texto encontramos uma das primeiras formulações claras da ressurreição corporal na tradição judaica, e que inaugura uma esperança escatológica que será central no cristianismo. No Apocalipse de João, essa ideia é amplificada: os mártires ressuscitam para reinar com Cristo (Ap 20,4-6), e há um juízo final que separa os justos dos ímpios. O imaginário presente no livro de Daniel – com seus símbolos, visões e estrutura de juízo – fornece o arcabouço para a teologia apocalíptica cristã. A ressurreição não é apenas um evento futuro, mas uma resposta divina à injustiça histórica, reafirmando a fidelidade de Deus aos que sofrem por sua causa. O livro de Daniel, portanto, não apenas antecipa temas centrais do Novo Testamento, mas molda profundamente a linguagem e a teologia da esperança cristã. O “Filho do Homem” e a ressurreição dos justos são pilares dessa continuidade escatológica, conectando o sofrimento presente à promessa de redenção futura.